

ANGELITA SALMAR DO CARMO CANDIDO
LUANA FRIGULHA GUISSO

Laços, memórias e aprendizagem na primeira infância: Estratégias para o desenvolvimento cognitivo da criança



ANGELITA SALMAR DO CARMO CANDIDO
LUANA FRIGULHA GUISSO

*Laços, memórias e aprendizagem
na primeira infância:
Estratégias para o
desenvolvimento cognitivo
da criança*

1ª Edição

Diálogo Comunicação e Marketing

São Mateus

2025

Laços, memórias e aprendizagem na primeira infância: Estratégias para o desenvolvimento cognitivo da criança © 2025, Angelita Salmar do Carmo Candido e Luana Frigulha Guisso.

Orientadora: Prof.^a Doutora Luana Frigulha Guisso.

Curso: Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação.

Instituição: Centro Universitário Vale do Cricaré – UNIVC.

Edição: Ivana Esteves Passos de Oliveira

Projeto gráfico e editoração: Diálogo Comunicação e Marketing

Diagramação: Ilvan Filho

DOI: 10.29327/5688882

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C217I Candido, Angelita Salmar do Carmo.
Laços, memórias e aprendizagem na primeira infância:
Estratégias para o desenvolvimento cognitivo da criança /
Angelita Salmar do Carmo Candido, Luana Frigulha
Guisso.

São Mateus, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2025.

36 p. : il. foto. color. ; 21 cm.

ISBN 978-65-6013-162-0

1. Educação infantil. 2. Crianças – Desenvolvimento
cognitivo. I. Guisso, Luana Frigulha. II. Título.

CDD – 372.21



SUMÁRIO

Apresentação	05
Introdução	07
Capítulo 1 - A importância dos laços afetivos	08
Capítulo 2 - Laços afetivos e desenvolvimento integral na primeira infância	11
Capítulo 3 - Memórias e aprendizagem na primeira infância	14
Capítulo 4 - O papel da família e da escola	17
Capítulo 5 - Intervenções práticas: fortalecendo vínculos e memórias na primeira infância	20
Capítulo 6 - Avaliação e reflexão	26
Considerações finais	29
Referências	32
As autoras	35



APRESENTAÇÃO

Este material constitui o produto educacional desenvolvido no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré. Ele nasce a partir de reflexões teóricas, resultados de pesquisa e práticas pedagógicas voltadas para a primeira infância, período fundamental para o desenvolvimento humano.

O e-book “Laços, Memórias e Aprendizagem na Primeira Infância: Estratégias para o desenvolvimento cognitivo da criança” busca oferecer subsídios para educadores e demais profissionais da área da educação infantil, apresentando estratégias e propostas que valorizam os vínculos afetivos, a construção de memórias e a aprendizagem como pilares do desenvolvimento cognitivo.





Mais do que um compilado de informações, este material se propõe a ser um guia de inspiração e prática, articulando fundamentos teóricos com sugestões aplicáveis no cotidiano escolar e familiar. Reconhecemos que a criança se desenvolve integralmente quando está inserida em ambientes acolhedores, estimulantes e afetivos, nos quais a família, a escola e a comunidade caminham juntas.

Assim, este produto educacional reafirma o compromisso do Centro Universitário Vale do Cricaré em fortalecer o diálogo entre a ciência, a prática educativa e a sociedade, promovendo uma educação infantil de qualidade, alinhada às necessidades da contemporaneidade e ao direito das crianças a uma infância plena de aprendizagens, cuidados e afetos.

Além disso, este material representa uma contribuição significativa para os profissionais da educação, pois oferece suporte teórico e prático para enfrentar os desafios cotidianos da atuação na Educação Infantil. Ao abordar aspectos fundamentais como os laços afetivos, a memória e a aprendizagem, fornece ferramentas que auxiliam na elaboração de propostas pedagógicas mais conscientes, intencionais e sensíveis às necessidades das crianças. Dessa forma, fortalece o papel do educador como mediador do desenvolvimento integral, ampliando sua capacidade de planejar, intervir e refletir sobre sua prática de forma crítica e transformadora.



INTRODUÇÃO

Atualmente, o conceito de família evoluiu para refletir a diversidade da sociedade contemporânea. Além das estruturas tradicionais, reconhecem-se arranjos monoparentais, recompostos, homoafetivos e plurais, todos fundamentados em vínculos de afeto, cuidado e convivência (Prado, 2022). O que realmente importa não é a configuração familiar, mas a qualidade das relações estabelecidas, que garantem segurança emocional e apoio ao desenvolvimento infantil.

Laços afetivos sólidos fornecem à criança a confiança necessária para explorar o mundo e vivenciar experiências enriquecedoras. Brincadeiras, interações sociais e atividades lúdicas favorecem a formação de memórias, estimulam sinapses neurais e contribuem para habilidades cognitivas complexas, como linguagem, atenção, raciocínio e resolução de problemas. Wallon (2007) ressalta que a afetividade é um pilar do desenvolvimento humano, fortalecendo a construção do eu e das relações sociais, além de promover resiliência emocional.

Neste e-book, buscamos apresentar estratégias que valorizam os laços afetivos e a construção de memórias na primeira infância, reconhecendo sua importância para o desenvolvimento cognitivo. Ao criar ambientes seguros, afetivos e estimulantes, educadores, cuidadores e famílias podem contribuir significativamente para que as crianças se tornem adultos mais equilibrados, criativos e preparados para os desafios da vida.



CAPÍTULO 1

A IMPORTÂNCIA DOS LAÇOS AFETIVOS

A primeira infância é uma etapa decisiva do desenvolvimento humano, marcada por intensas transformações cognitivas, emocionais, sociais e motoras. É nesse período que a criança estabelece suas primeiras experiências de vínculo e cuidado, fundamentais para a construção de sua identidade e de sua forma de se relacionar com o mundo. Como destaca Costa (2021), no Brasil a Primeira Infância é legalmente reconhecida como os primeiros seis anos de vida, período em que o desenvolvimento integral deve ser prioridade das famílias, escolas, comunidades e das políticas públicas.





Os laços afetivos, especialmente aqueles permeados por segurança, acolhimento e suporte emocional, oferecem à criança a confiança necessária para explorar o ambiente ao seu redor. Essas primeiras relações, vivenciadas inicialmente no seio familiar e depois ampliadas na escola e na comunidade, moldam profundamente não apenas as interações futuras, mas também o desenvolvimento cognitivo e emocional. O regimento da Rede Nacional Primeira Infância (RNPI, 2013) já enfatizava que as experiências vividas nesse período têm impacto duradouro, influenciando a vida adulta em múltiplas dimensões.

A criança deve ser reconhecida como sujeito de direitos, dotada de singularidade e valor intrínseco, e não apenas como objeto de atenção ou estatística (COSTA, 2021). Isso implica em respeitar suas necessidades específicas, seu ritmo e sua subjetividade em todas as interações, tanto no âmbito familiar quanto institucional. Assim, políticas públicas voltadas à infância precisam adotar uma perspectiva holística, articulando saúde, educação e proteção social para garantir um desenvolvimento equilibrado e saudável.

De acordo com Shonkoff e Richmond (2009, p. 3), “desde a gravidez e ao longo da primeira infância, todos os ambientes em que a criança vive e aprende, assim como a qualidade de seus relacionamentos com adultos e cuidadores têm impacto significativo em seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social”. Isso significa que quanto mais positivos e seguros forem os vínculos e os ambientes, maiores serão as possibilidades de a criança desenvolver competências fundamentais para a vida.

A importância da afetividade nesse processo já havia sido destacada por pensadores como Piaget e Vygotsky, mas foi Henri Wallon quem aprofundou a relação entre emoção, cognição e movimento. Para Wallon (1995), a afetividade é um domínio funcional central no desenvolvimento, interligado aos aspectos motores



e cognitivos, de modo que nenhuma dimensão pode ser compreendida isoladamente. Em suas palavras, “qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda disposição afetiva tem ressonâncias afetivas e motoras” (Wallon, 1995, p. 15). Isso reforça que as vivências emocionais da criança, desde um simples cuidado até uma brincadeira, têm impacto direto em sua formação integral.

Nesse sentido, a família ocupa papel de destaque como primeiro espaço de afeto, cuidado e proteção. É nela que a criança vivencia suas primeiras interações, que servirão de base para seu desenvolvimento futuro. O Plano Nacional pela Primeira Infância (Brasil, 2020) reforça que os cuidados cotidianos, quando pautados pelo comprometimento e afeto, garantem saúde, bem-estar e segurança emocional. Ao ingressar na escola, a criança já carrega consigo essas experiências, que servirão de ponto de partida para novas aprendizagens e interações sociais.

Portanto, investir na primeira infância significa reconhecer a centralidade dos laços afetivos e das interações humanas na formação integral da criança. Mais do que um direito, esse cuidado é um investimento no futuro, pois possibilita que a criança cresça segura, autônoma, resiliente e preparada para enfrentar os desafios da vida. Como afirma Quadros (2025), oferecer um ambiente seguro, afetivo e estimulante fortalece as habilidades socioemocionais e garante bases sólidas para o desenvolvimento integral.

Assim, família, escola, comunidade e políticas públicas devem atuar de forma coordenada para assegurar que todas as crianças tenham um início de vida saudável, protegido e repleto de experiências significativas. A primeira infância é, portanto, não apenas um período da vida, mas o alicerce sobre o qual se constrói toda a trajetória humana.



CAPÍTULO 2

LAÇOS AFETIVOS E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA

O desenvolvimento infantil nos primeiros anos de vida está profundamente alicerçado nas experiências afetivas que a criança vivencia em seu ambiente familiar e social. É nesse período que se estruturam as bases emocionais, cognitivas e sociais que influenciarão toda a trajetória de vida do indivíduo. A presença de vínculos afetivos seguros, responsivos e consistentes possibilita que a criança se sinta acolhida, protegida e confiante para explorar o mundo ao seu redor. Nesse processo, a relação com os cuidadores primários, a forma como o afeto é manifestado e as interações cotidianas assumem papel central para um desenvolvimento pleno.





Diversos estudiosos contribuíram para compreender a relevância desses vínculos na infância. Winnicott (2013), pediatra e psicanalista, foi um dos pioneiros a evidenciar que a primeira infância é determinante para a formação psíquica e emocional. Para ele, “onde há um bebê, há uma mãe ou figura materna” (Winnicott, 2005), sublinhando a importância de um ambiente estável e afetivo. Seu conceito de “mãe suficientemente boa” (2013) mostra que a responsividade e o cuidado adequado são essenciais para o desenvolvimento saudável, evitando privações emocionais que podem comprometer a vida adulta. O autor ainda introduziu a noção de “objetos transicionais” (2000), como fraldas ou brinquedos, que ajudam a criança a enfrentar a ausência materna, promovendo gradualmente sua independência emocional.

Hoje, sabe-se que vínculos afetivos podem ser construídos não apenas com a mãe, mas também com pais, avós, tios, cuidadores institucionais e professores, desde que essas relações sejam pautadas pela responsividade, escuta sensível e continuidade do cuidado (Freitas, 2020).

Esse olhar atual reconhece que o apoio ao desenvolvimento da criança pode ser garantido por uma rede ampliada de cuidados, especialmente em contextos de vulnerabilidade. O Núcleo Ciência Pela Infância (2022) reforça que a articulação entre família, escola, saúde e assistência social constitui um fator protetivo crucial, promovendo a formação integral da criança.

Nesse sentido, a afetividade no ambiente escolar também se mostra essencial. Abordagens como o letramento emocional e a pedagogia da escuta fortalecem vínculos entre educadores e crianças, possibilitando não apenas o bem-estar, mas também o engajamento e a aprendizagem significativa (Freitas,



2020). Essa visão amplia a noção de cuidado, que vai além da satisfação das necessidades básicas, englobando acolhimento, estabilidade emocional e oportunidades de convivência em diversos espaços da vida infantil.

As políticas públicas reforçam essa importância. O Plano Nacional pela Primeira Infância (Brasil, 2020) destaca que a família é o primeiro e mais relevante contexto de socialização, responsável por oferecer cuidados permeados pelo afeto em ações cotidianas, como alimentação, higiene, brincadeiras e interações, elementos fundamentais para a formação da personalidade.

Entre os teóricos do desenvolvimento humano, Wallon (2007) defende que o crescimento da criança resulta da interação entre fatores biológicos e sociais, atribuindo à afetividade papel central nesse processo. Piaget (1998), apesar de mais conhecido pela teoria cognitiva, também reconhece que emoções influenciam a aprendizagem, pois crianças seguras e acolhidas apresentam maior motivação e capacidade de retenção. Bock (2004) acrescenta que os laços afetivos vividos em casa são recriados nas relações escolares, mas, quando fragilizados, cabe ao educador assumir a função de suporte emocional para garantir vínculos saudáveis.

Assim, compreender a importância dos laços afetivos significa reconhecer que eles são a base do desenvolvimento integral da criança. Vínculos estáveis e responsivos não apenas fortalecem o bem-estar emocional, mas também favorecem a aprendizagem e a socialização, preparando a criança para os desafios da vida. Em um mundo de múltiplos arranjos familiares e sociais, é essencial valorizar a pluralidade das relações que podem oferecer esse suporte, garantindo que cada criança tenha a oportunidade de crescer em um ambiente rico em afeto, confiança e segurança.



CAPÍTULO 3

MEMÓRIAS E APRENDIZAGEM NA PRIMEIRA INFÂNCIA

As memórias criadas na primeira infância desempenham papel fundamental na formação da identidade e na construção das bases emocionais e cognitivas de um indivíduo. Durante os primeiros anos de vida, o cérebro da criança encontra-se em intenso processo de desenvolvimento, absorvendo e processando informações a partir de experiências cotidianas, interações com familiares, educadores e descobertas no ambiente. Ainda que muitas dessas memórias não sejam lembradas de forma consciente na vida adulta, elas exercem influência duradoura sobre a maneira como a criança percebe o mundo, responde a desafios e estabelece vínculos afetivos. Por esse motivo, um ambiente seguro e acolhedor torna-se indispensável para a formação de lembranças positivas que orientarão comportamentos, crenças e sentimentos ao longo da vida (Teles, 2023).

Discutir sobre as memórias de infância é crucial, uma vez que as crianças possuem a capacidade de perceber e atribuir significado ao mundo ao seu redor desde muito cedo. Elas interpretam o cotidiano como algo único, a ser explorado e compreendido, atribuindo valor às experiências mais simples. Teles (2023, p. 14) afirma que cada aspecto da rotina infantil pode ser ressignificado



como uma oportunidade de aprendizagem significativa, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e emocional. Nesse processo, a memória não é apenas um repositório de lembranças, mas um alicerce para a compreensão do mundo, possibilitando que a criança organize suas vivências e construa sentidos sobre si mesma e sobre o outro.

Segundo Piaget (1975), a memória de trabalho, também chamada de memória operacional, permite que a criança manipule mentalmente informações enquanto executa tarefas cognitivas, favorecendo a resolução de problemas e a tomada de decisões. Da mesma forma, Bruner (1966) reforça que a memória é essencial para a formação de esquemas mentais que organizam e interpretam informações, possibilitando que experiências anteriores sirvam de base para a aquisição de novos conhecimentos.

Nesse sentido, a afetividade no ambiente escolar também se mostra essencial. Abordagens como o letramento emocional e a pedagogia da escuta fortalecem vínculos entre educadores e crianças, possibilitando não apenas o bem-estar, mas também o engajamento e a aprendizagem significativa (Freitas, 2020). Essa visão amplia a noção de cuidado, que vai além da satisfação das necessidades básicas, englobando acolhimento, estabilidade emocional e oportunidades de convivência em diversos espaços da vida infantil.

Além do aspecto cognitivo, as memórias afetivas constituem ferramentas valiosas no processo de ensino-aprendizagem. Experiências marcadas por vínculos emocionais e significativos não apenas ficam mais registradas, mas também promovem segurança, motivação e prazer em aprender. Como destaca Abramovich (2003), ouvir histórias é um momento de grande encanta-



mento, capaz de seduzir, provocar emoções, despertar curiosidade e ampliar horizontes. O contato com narrativas não só estimula a imaginação, mas também favorece a memória ao permitir que a criança reconstrua, em sua mente, eventos, personagens e sentimentos. Nesse sentido, a afetividade atua como mediadora entre memória e aprendizagem, tornando as experiências mais profundas e duradouras.

Para favorecer a consolidação de memórias positivas, é essencial que educadores incorporem em sua prática estratégias que estimulem tanto a memória de curto quanto de longo prazo. Técnicas como a repetição espaçada, a associação de conteúdos a experiências já vividas e o uso de recursos mnemônicos — rimas, músicas, imagens e símbolos — são fundamentais nesse processo. Almeida (2012, p. 42) ressalta que o cérebro funciona em módulos cooperativos, ativando diferentes áreas para recuperar informações. Quanto mais conexões simbólicas são estabelecidas entre palavras, sons, cores e significados, mais eficiente se torna o processo de recordação. Isso demonstra a importância de integrar múltiplos estímulos sensoriais nas atividades pedagógicas da Educação Infantil, ampliando as possibilidades de aprendizagem.

Portanto, discutir a importância das memórias na primeira infância é compreender que elas constituem a base para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Quando mediadas por experiências afetivas e significativas, as lembranças da infância transformam-se em instrumentos poderosos de aprendizagem. Cabe à escola e aos educadores criar contextos que favoreçam tais experiências, promovendo vínculos, fortalecendo a identidade e garantindo um processo educativo integral e humanizado.



CAPÍTULO 4

O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

O desenvolvimento afetivo da criança na primeira infância é um processo complexo, contínuo e profundamente influenciado pelos ambientes nos quais ela está inserida, especialmente a família e a escola. A primeira infância, compreendida como os primeiros anos de vida até os seis anos, é um período decisivo para a formação de vínculos seguros, para a construção da identidade e para a aquisição das bases cognitivas e socioemocionais que acompanharão o indivíduo ao longo da vida (BRASIL, 2020). É nesse contexto que a atuação integrada da família e da escola se torna essencial, pois ambos os ambientes oferecem experiências complementares que favorecem o crescimento integral da criança.

A família constitui o primeiro espaço de socialização e referência emocional. De acordo com o Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância (2016), vínculos familiares seguros promovem proteção, bem-estar e autoestima, fornecendo à criança condições para explorar o mundo com confiança. Freitas (2020) reforça essa ideia ao destacar que a teoria do apego demonstra como relações estáveis e afetuosas na primeira infância influenciam diretamente o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Nessa perspectiva, o papel dos cuidadores vai além do cuidado físico: envolve atenção constante



às necessidades emocionais da criança, estímulo à expressão de sentimentos e criação de um ambiente de segurança e acolhimento, elementos essenciais para que a criança internalize confiança, autonomia e empatia.

A escola, por sua vez, funciona como um espaço de ampliação e diversificação de vínculos. Segundo Quadros (2025), a gestão escolar desempenha papel crucial no desenvolvimento socioemocional, pois estabelece políticas, práticas e rotinas que favorecem interações significativas entre crianças, educadores e pares. Bruner (1966) enfatiza que a aprendizagem é um processo ativo e social, no qual a interação com outros indivíduos, mediada por contextos ricos em estímulos, é fundamental.

Na educação infantil, práticas como rodas de conversa, contação de histórias, atividades lúdicas e projetos coletivos permitem que a criança vivencie experiências afetivas carregadas de significado, fortalecendo vínculos e promovendo aprendizagens duradouras.

A interação entre família e escola é, portanto, determinante para a construção de uma base afetiva sólida. Costa (2021) ressalta que a priorização da primeira infância nas políticas públicas brasileiras busca justamente integrar diferentes atores sociais, reconhecendo a importância de criar uma rede de proteção e estímulo à criança. Prado (2022) complementa que os novos arranjos familiares exigem atenção e adaptação por parte das instituições de ensino, que devem trabalhar em parceria com as famílias para assegurar que todas as crianças tenham acesso a experiências afetivas de qualidade. Essa colaboração possibilita que a criança perceba consistência nas relações, o que fortalece sua segurança emocional e favorece a internalização de normas sociais, valores e



comportamentos adequados.

Do ponto de vista pedagógico, a afetividade está intimamente ligada à cognição. Piaget (1975; 1998) demonstra que o desenvolvimento intelectual ocorre em estreita relação com a interação da criança com o meio, e que as experiências emocionais enriquecem o processo de aprendizagem. Almeida (2020) acrescenta que a neurociência confirma que emoções positivas, vínculos seguros e experiências significativas favorecem a plasticidade cerebral e a consolidação da memória. Nesse sentido, práticas pedagógicas intencionais, como a literatura infantil, desempenham papel central. Abramovich (2003) evidencia que a leitura e a contação de histórias, quando carregadas de afeto e participação ativa, criam experiências lúdicas que conectam emoção e imaginação, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança.

Assim, tanto a família quanto a escola não apenas oferecem suporte emocional, mas também participam ativamente da construção social da criança, possibilitando que ela desenvolva competências afetivas, cognitivas e sociais de forma integrada. A promoção do desenvolvimento afetivo na primeira infância depende da atuação conjunta de família e escola, aliados a políticas públicas que priorizem esse período da vida. Quando ambos os ambientes oferecem atenção, cuidado, estímulo e oportunidades de interação significativa, a criança constrói uma base segura de vínculos, desenvolve habilidades socioemocionais e cognitivas e estabelece as condições para aprendizagens significativas que perduram por toda a vida. Dessa forma, a afetividade e a aprendizagem caminham lado a lado, garantindo não apenas o sucesso escolar, mas o bem-estar integral da criança.



CAPÍTULO 5

INTERVENÇÕES PRÁTICAS: FORTALECENDO VÍNCULOS E MEMÓRIAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

O fortalecimento dos laços afetivos na primeira infância não se dá apenas de maneira espontânea, mas pode e deve ser incentivado por meio de práticas intencionais que envolvam o brincar, a expressão criativa e a partilha de experiências significativas. Quando a criança encontra um ambiente em que se sente acolhida, respeitada e estimulada, ela consegue desenvolver não apenas suas habilidades cognitivas, mas também sua segurança emocional e social.

Essas experiências afetivas se transformam em marcos importantes na construção da identidade e servem de base para aprendizagens futuras. Afinal, a memória não se forma apenas a partir de conteúdos escolares, mas principalmente de vivências carregadas de emoção. Assim, uma roda de música, uma história contada com carinho ou até mesmo uma brincadeira coletiva podem se tornar registros duradouros que fortalecem vínculos e ampliam a capacidade de aprender.

Por isso, é fundamental que o educador, a família e toda a comunidade escolar se atentem para a dimensão afetiva no processo educativo. Mais do que atividades isoladas, trata-se de criar uma cultura de cuidado e acolhimento,



em que o afeto esteja presente nas rotinas, nas interações e nos projetos pedagógicos. Dessa forma, afetividade e cognição caminham juntas, possibilitando aprendizagens significativas que ultrapassam a sala de aula e acompanham a criança ao longo da vida.

A seguir, serão apresentadas algumas propostas de intervenções práticas que podem ser aplicadas no cotidiano, fortalecendo vínculos e construindo memórias afetivas que sustentam o desenvolvimento integral da criança.

PROJETOS DE ATIVIDADES LÚDICAS QUE FORTALECEM VÍNCULOS E MEMÓRIAS

A ludicidade é um recurso essencial no processo educativo, pois conecta emoção, imaginação e aprendizagem. Projetos que envolvem jogos cooperativos, rodas de conversa, dramatizações e atividades artísticas criam espaços em que crianças, famílias e professores compartilham experiências e constroem vínculos. Nesses momentos, mais do que conteúdos escolares, nascem lembranças afetivas que fortalecem a identidade e a autoestima.

EXEMPLOS PRÁTICOS:

Caixa de memórias: Cada criança traz de casa objetos, fotos ou lembranças que tenham valor afetivo e representam momentos importantes de sua vida. Durante a atividade, elas compartilham suas histórias com os colegas, descrevendo o significado de cada item, fortalecendo a comunicação, a empatia e os vínculos afetivos dentro da sala de aula.





Brincadeiras de ontem e de hoje: resgate de jogos tradicionais, como amarelinha, passa anel e esconde-esconde, que possibilitam às crianças vivenciar práticas culturais, desenvolver a socialização, o respeito às regras e o espírito de coletividade.

Atividades musicais em grupo: cantar, dançar e tocar instrumentos simples favorece a expressão emocional e corporal das crianças, estimula a cooperação e fortalece o senso de pertencimento, além de valorizar a musicalidade como forma de interação e aprendizagem coletiva.



Dramatizações de histórias: as crianças encenam contos, lendas ou situações do cotidiano, desenvolvendo a criatividade, a imaginação e a expressão corporal, ao mesmo tempo em que estimulam a empatia e a compreensão de diferentes pontos de vista.

Álbum da Turma: ao longo do ano, as crianças produzem registros (desenhos, fotos, frases ditadas) sobre experiências marcantes. No final, o material é reunido em um álbum coletivo que pode ser entregue às famílias como lembrança da trajetória compartilhada.





Oficinas com as Famílias: pais ou responsáveis são convidados a ensinar às crianças uma atividade de sua infância (um jogo, uma canção, uma receita simples). Além de integrar gerações, fortalece os laços entre casa e escola.

Jardim da Amizade: plantar flores, hortaliças ou árvores no espaço escolar, onde cada criança cuida de uma parte. A atividade simboliza crescimento coletivo e gera memórias afetivas ligadas ao cuidado, à paciência e à cooperação.



Linha do Tempo das Emoções: em um mural, as crianças registram com desenhos ou símbolos os sentimentos vivenciados em diferentes momentos do ano. Isso ajuda a reconhecer emoções, fortalecer vínculos de empatia e construir memória afetiva coletiva.

Caça ao Tesouro das Histórias: organizar uma brincadeira de exploração em que as pistas estão relacionadas a histórias contadas na sala. Cada pista resgata um personagem ou situação, conectando ludicidade, narrativa e memória.





Cantinho da Saudade e da Alegria: um espaço da sala é reservado para que as crianças expressem lembranças importantes ou contem algo feliz que viveram recentemente, promovendo partilha e vínculo afetivo entre colegas.

Teatro de Sombras: as crianças criam personagens histórias usando sombras com lanternas e tecidos. atividade estimula a imaginação, o trabalho coletivo gera lembranças marcantes pela atmosfera mágica.



Cofre dos Sonhos: cada criança registra (por desenho ou ditado) algo que gostaria de realizar. Os “sonhos” são guardados em um cofre e revisitados ao longo do ano, criando vínculo com o próprio crescimento e com o grupo.

Feira de Saberes: as crianças apresentam às demais turmas ou às famílias algo que aprenderam ou gostam muito (uma música, uma brincadeira, um desenho). A troca valoriza suas conquistas e cria memória coletiva de reconhecimento.





Cine Memórias: exibição de fotos ou vídeos das crianças em atividades escolares (ou registros trazidos pelas famílias), seguida de uma roda de conversa sobre lembranças e sentimentos despertados.

Trilha da Cooperação: jogo de tabuleiro gigante em que as crianças só avançam ajudando os colegas em desafios lúdicos (pular corda juntos, cantar uma música em dupla etc.), reforçando vínculos por meio da ajuda mútua.



História da minha família em desenhos: cada criança cria, ao longo de alguns dias, ilustrações que representam pessoas importantes em sua vida. Depois, monta-se uma “galeria das famílias” para fortalecer vínculos entre casa e escola.



CAPÍTULO 6

AVALIAÇÃO E REFLEXÃO

A avaliação dos projetos lúdicos que buscam fortalecer vínculos e memórias não deve se restringir a indicadores quantitativos ou resultados imediatos. Trata-se de um processo qualitativo, contínuo e formativo, no qual o foco está nas transformações observadas nas crianças, nas relações estabelecidas e no impacto das experiências vividas no cotidiano escolar.

Mais do que verificar se os objetivos pedagógicos foram atingidos, a avaliação envolve compreender como as crianças se engajaram nas atividades, de que forma expressaram suas emoções, quais lembranças construíram e como os vínculos interpessoais foram potencializados. Isso significa que a ênfase recai sobre processos e não apenas sobre produtos.

Alguns aspectos podem ser considerados como indicadores de avaliação:

- Engajamento e participação ativa: observar se as crianças demonstraram interesse, curiosidade e envolvimento nas propostas.
- Expressão de emoções e memórias: analisar como os projetos possibilitaram que as crianças compartilhassem lembranças, sentimentos e histórias pessoais.
- Fortalecimento das relações: identificar sinais de maior cooperação, empatia, respeito às diferenças e sentimento de pertencimento ao grupo.



- Autonomia e protagonismo infantil: verificar se as atividades favoreceram a tomada de decisão, a criatividade e a iniciativa das crianças.
- Envolvimento da família e da comunidade: refletir sobre como a participação de familiares e responsáveis contribuiu para estreitar laços com a escola.

Para registrar essas observações, podem ser utilizados diferentes instrumentos de avaliação, que vão além das tradicionais fichas de acompanhamento. Diários de bordo pedagógicos permitem ao professor narrar impressões cotidianas sobre as interações e o envolvimento das crianças. Registros fotográficos e audiovisuais possibilitam captar expressões, gestos e momentos significativos que nem sempre são traduzidos em palavras, funcionando como recurso de análise e também como material de memória para o grupo. Já as conversas com as crianças, quando mediadas de forma lúdica (por meio de desenhos, rodas de conversa ou dramatizações), oferecem pistas valiosas sobre o que foi significativo para elas. Além disso, os relatos das famílias contribuem com percepções externas ao ambiente escolar, evidenciando se as experiências repercutem no cotidiano doméstico e fortalecem a parceria entre escola e comunidade.

Esses materiais, quando organizados e revisitados periodicamente, não apenas documentam o processo vivido, mas também se constituem como uma memória coletiva, que pode ser compartilhada em exposições, murais, portfólios ou encontros de socialização. Esse movimento valoriza a trajetória das crianças e legitima o brincar como experiência central de aprendizagem e de construção de vínculos.

A reflexão, por sua vez, deve ser entendida como um processo colaborativo e contínuo. Ela envolve não apenas o olhar individual do professor, mas



também a troca de percepções entre toda a equipe pedagógica. Ao analisar os registros e discutir as experiências em grupo, é possível identificar avanços no desenvolvimento das crianças, reconhecer pontos de fragilidade nas propostas e projetar estratégias mais adequadas para as próximas etapas. Essa reflexão coletiva fortalece a identidade profissional dos educadores, uma vez que promove a formação em serviço, pautada na prática concreta.

O diálogo ampliado, envolvendo professores, auxiliares, gestores e famílias, potencializa ainda mais esse processo. Quando todos os atores educativos são convidados a refletir sobre os projetos, estabelece-se um sentimento de corresponsabilidade pela formação das crianças, o que gera maior engajamento e coerência entre escola e família.

Em síntese, avaliar e refletir sobre os projetos lúdicos significa reconhecer que as experiências não se esgotam em sua execução, mas permanecem como oportunidades de aprendizagem afetiva, social e cognitiva. Os vínculos construídos e as memórias produzidas tornam-se, assim, indicadores de qualidade na Educação Infantil, revelando que a educação vai além da transmissão de conteúdos: ela é também um espaço de encontro, partilha e construção de sentidos duradouros para a vida das crianças.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a importância da ludicidade, dos vínculos e da construção de memórias na Educação Infantil é compreender que a primeira infância constitui um tempo privilegiado e fundante do desenvolvimento humano. É nesse período que a criança, em interação com o meio, com os adultos e com seus pares, constrói não apenas conhecimentos cognitivos, mas também valores, afetos, lembranças e a base de sua identidade pessoal e social. Assim, toda experiência vivida na infância tem potência formativa, influenciando não apenas o presente, mas também projetando-se como marca para toda a vida.





Os projetos lúdicos aqui propostos — desde as rodas de conversa até as dramatizações, passando por resgates culturais, experiências musicais e produções coletivas — evidenciam que o brincar ultrapassa a dimensão de entretenimento. Ele assume a função de mediador das relações sociais, de instrumento pedagógico e de espaço de expressão da subjetividade infantil. No brincar, a criança se coloca como protagonista, experimenta papéis, constrói vínculos, fortalece a autoestima e aprende a se reconhecer como parte de uma coletividade.

Outro aspecto central discutido ao longo do capítulo foi a necessidade de compreender a avaliação e a reflexão não como momentos estanques, mas como processos contínuos e integrados à prática pedagógica. Ao lançar mão de registros diversos — diários de bordo, observações, relatos das famílias, produções das crianças, registros audiovisuais —, o educador consegue dar visibilidade às aprendizagens que, muitas vezes, não aparecem em testes ou relatórios padronizados. Esse olhar ampliado da avaliação possibilita enxergar não apenas o “que” a criança aprendeu, mas principalmente “como” e “com quem” aprendeu, reconhecendo o valor das interações, da afetividade e da coletividade nesse processo.

As famílias e a comunidade têm papel essencial no fortalecimento dos vínculos e memórias. A parceria entre escola e cuidadores amplia a rede de apoio da criança, favorece a continuidade das experiências educativas no lar e reforça a ideia de corresponsabilidade na formação integral.

A ludicidade, portanto, não pode ser vista como atividade periférica ou secundária na Educação Infantil, mas sim como princípio estruturante do tra-



balho pedagógico. Ela conecta emoção e imaginação, possibilita aprendizagens significativas e fortalece vínculos que se transformam em memórias duradouras. Tais experiências formam um patrimônio afetivo que acompanhará a criança ao longo de sua trajetória escolar e pessoal, contribuindo para que se torne um sujeito autônomo, crítico, criativo e sensível às necessidades do outro.

À luz das teorias do desenvolvimento humano e dos documentos oficiais, como a BNCC, percebe-se que assegurar uma educação que valorize o brincar, a afetividade e a memória é também atender a um direito da criança. Uma infância vivida com experiências significativas, em ambientes acolhedores e seguros, constitui não apenas um dever da escola, mas um compromisso ético da sociedade como um todo.

Assim, conclui-se que a qualidade na Educação Infantil não se mede apenas por conteúdos transmitidos ou competências acadêmicas adquiridas precocemente, mas, sobretudo, pela riqueza dos vínculos construídos, pela intensidade das experiências compartilhadas e pela força das memórias que se perpetuam. Investir em projetos lúdicos que potencializem esses aspectos significa investir em uma educação humanizada, que respeita a infância como tempo de ser, de brincar e de se relacionar.

Em última instância, pensar a ludicidade e os vínculos como pilares da Educação Infantil é reafirmar que educar vai muito além de instruir: é acolher, escutar, brincar, narrar, cantar, construir junto. É criar condições para que cada criança viva plenamente sua infância e leve consigo marcas positivas que sustentarão sua formação pessoal, social e cognitiva ao longo de toda a vida.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. Scipione, São Paulo, SP: 2003.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha. **Neurociência e sequência didática para Educação Infantil**. Wak, 2020.

BOCK, A. M. B. **A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 24, n. 62, abr. 2004.

BRASIL. **Plano Nacional pela Primeira Infância: 2010-2022 / 2020-2030**. Brasília: Rede Nacional Primeira Infância / CONANDA, 2020. 188 p.

BRUNER, Jerome. **Uma nova teoria de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Bloch, 1966.

COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA (2016). **Estudo nº II: Importância dos vínculos familiares na primeira infância**. <http://www.ncpi.org.br>

COSTA, Carolina Terra Quirino da. **Construção social da primeira infância e sua priorização na agenda pública brasileira**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social. Rio de Janeiro: 2021. 138 f.



FREITAS, Nathália Ferraz. **A Teoria do Apego na creche**: um olhar para o papel dos vínculos no desenvolvimento de bebês e crianças pequenas. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Ciências e Tecnologia “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Presidente Prudente: 2020. 87 f.

PIAGET, J. **A Gênese do Número na Criança**. Editora Zahar, 2 ed. Rio de Janeiro: 1975.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

PINTO, Aline. **Educação Infantil**: Grupo 3. Volume 1. Curitiba: Aprende Brasil, 2021.

PRADO, Bruna Gisele do. **Demandas emergentes nas varas de família da comarca de Ponta Grossa/PR considerando os novos arranjos familiares e as transformações contemporâneas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa: 2022. 91 f.

QUADROS, Natália Valim Mansan de. O papel da gestão escolar no desenvolvimento socioemocional das crianças na educação infantil. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2025.

REDE NACIONAL PRIMEIRA INFÂNCIA (RNPI); ANDI COMUNICAÇÃO E DIREITOS. **Plano Nacional Primeira Infância**: 2010 - 2022 | 2020 - 2030. 2. ed. revista e atualizada. Brasília, DF: RNPI/ANDI, 2020.



SHONKOFF, J. P.; RICHMOND, J. B. **O investimento em desenvolvimento na primeira infância cria os alicerces de uma sociedade próspera e sustentável.** 2009. Disponível em: <http://www.encyclopedia-crianca.com/sites/default/files/textes-experts/pt-pt/2532/oinvestimento-em-desenvolvimento-na-primeira-infancia-cria-os-alicerces-de-uma-sociedadeprospera-e-sustentavel.pdf>. Acesso em: 02 set. 2023.

TELES, Damares Araújo. **A infância e seus múltiplos sentidos.** Ponta Grossa: Atena, 2023.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, Donald Woods. **A família e o desenvolvimento individual.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise.** 2. ed. Rio de Janeiro: Imagino, 2000.

WINNICOTT, D. W. O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.



AS AUTORAS

ANGELITA SALMAR DO CARMO CANDIDO

Professora efetiva de Educação Infantil no CMEI “Bem-Me-Quer”, localizado na zona rural de Boa Esperança, município de Presidente Kennedy – ES. Optou pelo magistério como formação inicial, concluindo o curso em 2001, e iniciou sua trajetória docente em 2003, atuando principalmente na Educação Infantil, etapa que passou a priorizar ao longo de sua carreira. Graduada em Matemática pelo Centro Universitário São Camilo – ES. Pedagogia pela UNIUBE – Universidade de Uberaba. Possui duas especializações em Supervisão Escolar e Educação Infantil pela FATESF – Faculdade de Tecnologia São Francisco. Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação pelo Centro Universitário Vale do Cricaré - ES. Ao longo da carreira, atuou como coordenadora pedagógica, apoio pedagógico e atualmente está à frente da turma de Maternal II, dedicando-se à prática docente diária.





LUANA FRIGULHA GUISSO

Doutora em História Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Pós-Doutoranda pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) - (2021); Mestra em Educação Ambiental pela Faculdade de Aracruz (FAACZ); Especialista em: A Moderna Educação: metodologias, tendências e foco no aluno pela PUCRS; Psicopedagogia; Gestão de Recursos Humanos e Pedagogia Empresarial pela Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz (FACHA); Licenciatura Plena em Pedagogia com



Habilitações em: Supervisão Escolar, Educação Infantil e Magistério das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, pela Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz (FACHA). Atualmente é Professora e Orientadora do curso Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (UNIVC) - São Mateus (ES).

ISBN: 978-65-6013-162-0

DÍALOGO
EDITORIAL

